

A ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR E AS PERTURBAÇÕES NARCISISTAS: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A HISTÓRIA, O CASAL, O NARCISISMO E A CULTURA

THE FAMILY STRUCTURE AND THE NARCISSISTIC DISORDERS:
A PSYCHOANALITICAL REFLECTION ON HISTORY, COUPLE,
NARCISSISM AND CULTURE

Dr. Norberto Carlos Marucco¹

Resumo: Desde a introdução o autor manifesta seu interesse no problema narcisista, com as quais tem estado ocupado faz bastante tempo, e que contempla neste trabalho a partir de uma conceituação psicanalítica do casal e da família, incluindo sua inserção no marco da cultura. Propõe neste contexto, a possibilidade de pensar que a cultura, transformada em instância psíquica, esteja expressa pela representação intrapsíquica da família e do casal, e reitera, neste contexto, a necessidade expressa por ele há muito tempo, para conceituar uma terceira tópica.

Palavras-chave: Narcisismo. Amor. Paixão. Édipo.

Abstract: The paper expresses the interest on the narcissistic problem, by working with a psychoanalytic conceptualization of couple and family and their insertion in culture. It's proposed that culture, transformed into a psychic instance, is expressed by the psychic representation of the family and of the couple. Regarding this context, the author sustains the necessity to conceptualize the third topical in psychoanalysis.

Keywords: Narcissism. Love. Passion. Subject.

INTRODUÇÃO¹

Este ensaio surge como uma tentativa de atualizar alguns problemas com os quais tenho me ocupado faz algum tempo. Talvez a novidade desta abordagem seja fazê-la através da abertura que proporciona a conceituação psicanalítica do casal e da família. Por esse motivo, o subtítulo do meu trabalho enquadra temas teóricos da psicanálise dentro dessas estruturas que foram recentemente incluídas na psicanálise. Obviamente, essas reflexões surgem de minha prática diária como psicanalista, não só em relação às consultas de casais (cada vez mais frequentes), mas especialmente para o desenvolvimento de processos psicanalíticos individuais que, na minha experiência pessoal, ou como supervisor, têm me levado a indicar a inclusão de entrevistas com casais ou com famílias. Embora isso tenha ocorrido em pacientes com transtornos narcisistas de personalidade, na verdade também está presente no processo de outras patologias.

¹Psicanalista. Membro e Professor da Association Psicoanalítica Argentina (APA). Entre suas publicações destaca-se o livro "Cura Analítica e Transferência". Dirección: San Luis 3364, Capital Federal (1186), República Argentina.

Considero casal como a união de dois indivíduos, sendo que em cada um deles coexistem uma estrutura narcisista e uma estrutura edipiana (MARUCCO, 1978a, 1985, 1993, 1994), e de cuja interação dependerá a conformação do casal, na qual os seus membros, ao serem discriminados, podem exteriorizar sua libido em uma vida sexual ampla e livre da qual a família surgirá como um passo natural; ou um casal unido na busca da integralidade mútua cujo objetivo seria o de “terminar” de cumprir com os “ideais parentais” (FREUD, 1914/1990). Nesta última, a libido de seus membros sofrerá desgaste em função de sua tarefa, sua sexualidade objeto será empobrecida, e dará lugar a expressões habitualmente silenciosas de pulsão de morte.

Penso que a tarefa analítica seria a de criar um histórico desses vínculos narcisistas para que exista mais Édipo e, portanto, mais sexualidade e amor, denunciando os acordos narcisistas inconscientes para obter uma imortalidade ilusória, ao custo de não viver a vida. Não é por acaso uma experiência bastante comum depararmos-nos com pessoas que, acreditando viver a vida, são meros expectadores da mesma? Indivíduos que, para sustentar sua existência, vão deixando morrer lentamente suas pulsões. Não é cada vez mais claro que os ideais da cultura, tanto em suas promessas de bem-estar quanto em suas demandas de sublimação, deserotizam o indivíduo liberando suas tendências destrutivas, como Freud já pensava outrora em “O mal-estar na civilização”? Considero que a família e o casal serviriam como ponte entre a psicologia individual e a psicologia “cultural”. Seria, então, possível pensar que a cultura, transformada em instância psíquica, esteja expressa pela representação intrapsíquica da família e do casal? Esta poderia ser uma resposta à necessidade que venho propondo faz muitos anos, a de conceitualizar uma terceira forma tópica que permita avançar um pouco mais sobre o limite do leito rochoso (MARUCCO, 1980, 1985, 1994).

DO INDIVÍDUO E SUA HISTÓRIA FAMILIAR ATÉ A ESTRUTURAÇÃO DA HISTÓRIA DO CASAL

Entendo a família como um processo em estruturação, baseado, por sua vez, na estruturação do casal. Considerando esta como a base da estrutura familiar, é necessário destacar alguns pontos-chave na sua constituição.

Com certa leveza é dito, como se fosse um simples fato: “o filho deixa a casa de seus pais...”. Mas este “deixar” foi, é e será sempre um conflito. E se pensarmos também, em geral, que “abandonar a casa dos pais” ocorre quando um casal é formalizado, qual lugar ocupa na história da família de um indivíduo o seu parceiro que permite transformar um abandono conflitivo em uma “feliz re-união”?

Normalmente, na origem de um casal acontece um estado de paixão. E o que é a paixão senão colocar no “outro” as perfeições que a mesma pessoa não tem? (FREUD, 1921/1990). Como se o indivíduo, a fim de se separar de seus pais, precisasse idealizar outro que lhe permita cumprir o ideal de plenitude narcisista do desejo de seus pais. Em seguida, esses “casais apaixonados” formarão para a história familiar de cada um dos seus membros uma oferta ao narcisismo parental, com o objetivo de recuperar aquela ilusão de um amor perdido e, assim, evitar o escuro temor de ser odiado por seus pais ao ferir seu narcisismo

por não cumprir com o dever de realizar seus desejos não satisfeitos².

DA PAIXÃO NARCISISTA AO AMOR OBJETAL: UMA CONCEITUAÇÃO SOBRE O FETICHE³

Dizíamos: “Normalmente, na origem de um casal se produz um estado de paixão, que depois virará amor. Mas o que é o amor sensual?” É o encontro, na resolução do Édipo, de “alguma coisa” no outro, particular privado, íntimo. Isso que Freud (1927/1990) descobriu inesperadamente na clínica e, em seguida, desenvolveu conceitualmente como “uma reformulação da metapsicologia” (Nota introdutória de Strachey ao “Fetichismo” de Freud). Refiro-me, naturalmente, ao **fetiche**, em sua condição de estrutura na resolução do Édipo, e como “condição fetichista”, que se refere às características exigidas ao indivíduo para sua eleição como objeto de amor (PONTALIS, 1978; MARUCCO, 1983, 1993).

A existência do fetiche no estado de amor invoca o objeto e a pulsão. A satisfação da vida amorosa através do fetiche permitirá que a pulsão tenha o estímulo do **desejo** incestuoso, enquanto dará ao objeto as características que lhe permitam mover-se e substituir o **objeto** incestuoso. Ou seja, é o fetiche o que permitirá a passagem de paixão ao amor. Um amor sexualizado, livre, privado, permitirá um movimento criativo no casal e a conformação natural, espontânea, da família.

Isso levaria a prestar atenção ao chamado *período de namoro*, a fim de ver se ocorre a passagem da paixão ao amor⁴, através da condição amorosa que possibilita o fetiche com o consequente desenvolvimento de uma sexualidade plena. Por outro lado, é essencial considerar o namoro em relação ao problema dos ideais. Quanto mais o casal amoroso se oferta como ideal, menor será sua capacidade de evoluir para o amor.

Seria fácil pensar que do predomínio de um ou outro desses processos dependeria que o processo de conformação de uma família se desenvolvesse desde os níveis mais *normais* até os mais patológicos em seus membros. Contudo, acontece de que “as coisas não são tão fáceis”.

Abro um parêntese. O terceiro, um filho, apenas pode surgir como tal quando a paixão se transforma em amor. Então volto a formular uma pergunta: Como se produz essa mudança? Através da aceitação, diante da “exortação da realidade”, de que o outro – objeto de idealização narcisista – é alguém diferente diante do qual surge a atração sexual (vinculada ao fetiche) junto com um sentimento de ternura (vinculado à inibição do objetivo da pulsão sexual). Esta combinação é a que expressa o amor em sua totalidade; e nessas condições é quando o casal adquire projetos de identificação para seu futuro⁵. Fecho o parêntese.

Dizíamos que “as coisas não são tão fáceis”. Olhares que se cruzam..., certa inquietude..., uma proposta. E a partir daí toda uma série de minuciosos passos que terminam armando a dança do acasalamento, o ritual da sedução.

E então cresce um sentimento de que dá ao olhar um novo brilho que ilumina em outro brilho um reflexo particular, colocando um pouco de música à dança, e produz uma vertigem que leva a prender a respiração esperando uma

reciprocidade. Quer dizer, a partir desse cruzamento de olhares original, até a instalação desse sentimento de amor, é desenvolvido todo um processo de duração variável, mas de enorme significado. Paixão, narcisismo, fetiche, manutenção da pulsão, sedução, amor... Uma cena de amor com luzes fracas e uma atmosfera envolvente... E um camarim onde a maquiagem dos atores é removida e colocam suas roupas de rua. Duas faces da sedução. O ideal e o real. E o desejo permanente de colocar novamente os atores no palco... A tentativa de negar a realidade de que a outra pessoa que tinha sido tomada como ideal, na verdade, não é. Por que quebrar a magia do teatro e submeter-se à decepção de saber que quem está na varanda é apenas uma atriz fazendo o papel de Julieta?

É que em alguns casais acontece um processo em que, por um lado, a paixão torna-se amor, através do fetiche virtual e sua sedução, que é possível; enquanto, por outro lado, e convivendo com isso, é desmentida a dolorosa realidade de que o outro que tinha sido tomado como esse ideal tão necessitado, nunca existiu. Mas essa defesa especial, o desmentido, leva o sujeito a ter que pagar um preço: o ego é dividido (FREUD, 1927/1990, 1940 [1938]/1990). E são esses indivíduos divididos que conseguem formalizar o casal com a assinatura de uma dupla aliança. Aliança de amor, o que é possível e uma aliança impossível de que o outro irá cumprir, como sempre ser o ideal que o indivíduo não pode se tornar. Dada a evidência de que a promessa de perfeição e plenitude não é concreta, um sintoma específico surge: a censura, mas as censuras que são feitas ao amor, para continuar a manter a promessa de perfeição e plenitude (GREEN, 1990; MISSENERD et al., 1991).

A aparição das acusações, em um determinado momento, se tornam sintomas e podem gerar no casal a necessidade de análise. Se essas acusações crescessem excessivamente minariam progressivamente o vínculo, atingindo quase a dissolução da sexualidade; porque o que exige primazia, ocupando a consciência, é um sentimento perturbador e estranho pelo qual o familiar (aquele ideal de perfeição segundo o qual foi assinado aquele pacto) torna-se um mensageiro sinistro da morte (FREUD, 1919/1990; MARUCCO, 1980, 1999).

Assim, para que haja amor, é necessário manter e defender uma sexualidade criativa e livre, ao abrigo desse fetiche virtual que faz com que as pulsões mantenham a força da sua origem incestuosa, mas também desconheçam essa origem.

As crianças dessa família, que foi constituída segundo esse vínculo amoroso, serão filhos de uma sexualidade não exclusivamente ligada à procriação. Não são os filhos os que comprovam a sexualidade, mas os desejos de sexualidade que fazem possível a existência dos filhos.

Uma vez instalado esse amor que discrimina que no reconhecimento de sua impenitência acha a possibilidade de satisfação, que ao renunciar a ilusão de perfeição (Deus) acha a sua própria liberdade, poderíamos pensar que de uma vez por todas e para sempre foi enterrado aquele velho desejo de imortalidade narcisista, que é expressado na realização dos ideais parentais? Se não for, o casal deve estar disposto a matar dia após dia a volta da promessa da ilusão narcisista de imortalidade (LECLAIRE, 1976).

ENTRE OS IDEAIS FAMILIARES E OS IDEAIS CULTURAI

Sabemos que, dependendo do seu progresso, a cultura tende a reprimir o mundo pulsional, com os conseqüentes mal-estares na cultura. Se em certos momentos culturais a sexualidade humana é concebida apenas como um elo na transmissão da espécie, a única sexualidade permitida será aquela ligada à procriação. Então, o amor em casais, a legalização do desejo em sua satisfação sexual, e a possível culminação na formação de uma família através do nascimento dos filhos, serão transformados de acordo com as exigências culturais necessitadas. Desejo que se torna em necessidade reativando os aspectos narcisistas colocados em um filho, cuja missão será alcançar a perfeição que não alcançaram seus pais, os aspectos narcisistas exigidos pela cultura para garantir a inclusão na mesma.

Dito de outra forma, então surge em ambos os membros um “desejo” expresso sem palavras de “recuperar”, através do filho aquela plenitude nunca alcançada. Nostalgia daqueles momentos felizes, daquele estado de paixão que agora reencontra nesse ser passivo que arremeda o próprio desamparo, condenado também ele a ser investido e alienado pelos desejos parentais e da cultura. Essa criança que nasce terá a missão de ser o sonho que seus pais não fizeram, e também de se incluir na cultura cumprindo seus ideais. Ideais familiares e culturais que às vezes correm caminhos paralelos e, às vezes, são separados e que exigem que o indivíduo fique no meio da encruzilhada se sentindo vinculado a cumprir ambos. Indivíduo, indivíduos que, confundidos no cruzamento de caminhos, criarão relacionamentos de casal e de família, que, aliás, não estarão isentos de perturbações. Ocorre que, inevitavelmente, com um pouco de caminhada, essa “criança perfeita” já não será capaz de cumprir o dever de ser. E isso causa uma comoção na criança, na família e na cultura (por exemplo, na escola). A comoção da criança vibra a cada dia em nossos consultórios na análise de adultos, com a descoberta de que o indivíduo não deixa de existir quando não cumpre com o seu dever (deles), e sofre diante da desilusão por não se sentir amado como alguma vez acreditou sê-lo. Comoção nos pais não apenas porque seu filho não cumpre com os seus desejos de imortalidade narcisista, mas porque em seu crescimento, inevitavelmente, os condena a aceitar a velhice e a morte⁶. Diante dessa perturbação narcísica dos pais, uma tentativa de que uma nova criança seja uma nova reedição geracional (FAINBERG, 1985) que deverá estar de acordo com este ideal que eles não alcançaram com seus pais como casal. E assim por diante, poderá acontecer com os filhos dos filhos. Embora o casal tivesse uma ou muitas crianças, constitui apenas uma estrutura familiar no manifesto, porque, no latente, continuará sendo aquele casal narcisista buscando atender seus ideais familiares.

Em geral, quando um casal consulta é porque esse sentimento do sinistro vinculado às vicissitudes dos ideais invadiu o campo da sexualidade, e isso é vivido pelos membros do casal como perda do sentimento de amor.

SOBRE A FAMÍLIA, O CASAL E O ATUAL CONTEXTO CULTURAL

Quero sublinhar aqui um problema que cada vez mais se torna mais inqui-

etante para nossos psicanalistas: os efeitos que a crise sociocultural provoca não apenas como mal-estar individual, mas como alterações nos vínculos e papéis de estruturas sociais fundamentais para a proteção do indivíduo e a cultura de como são o casal e a família. A psicanálise pode permanecer alheia a este problema? Além de se preocupar ela vai encontrar uma maneira de lidar com isso? Por agora vamos abordar este problema com os elementos que a psicanálise nos oferece para entendermos como vão se distorcendo as estruturas das quais a psicanálise vem tratando famílias e casais.

Quando os fenômenos socioculturais se tornam traumáticos para as pessoas, isso gera, em nível intrapsíquico e em nível intersubjetivo, todo um conjunto de perturbações, que vão desde problemas de autoestima vinculados à perda da libido, que geram um aumento progressivo do sadismo dos ideais, ao desconhecimento do sistema de valores, que levam à sua degradação em um processo que vai desde o questionamento de vínculos fundamentais para o ser humano, até chegar, em alguns casos, à sua dissolução.

Essa pessoa em crise será capaz de descobrir seu verdadeiro inimigo? Ou, confundido, atacará seus aliados? Isso não explicaria tanto os ataques a seu próprio Eu, expressados como autorreprovação quanto às censuras que surgirão aos vínculos do casal e da família? Os jovens que veem seus projetos limitados tenderão a vivê-los como produto do fracasso dos pais. Por sua vez, os pais tenderão a responsabilizar pelo fracasso de seus projetos a apatia da geração seguinte. Os casais que se veem obrigados a adiar indefinidamente seus projetos até quase esquecer-los, não se confundirão, terminando por questionar o valor do amor? Essas situações ocorrem quando os ideais culturais se tornam tão imperativos que os indivíduos, para se manterem dentro do âmbito cultural, vão renunciando progressivamente ao seu mundo pulsional, chegando inclusive à conclusão de que a linguagem, como expressão simbólica, amplie progressivamente o campo da consciência, diminuindo o espaço da fantasia e dos sonhos. Isso gerará uma progressiva ausência de desejos, gerando o que eu tenho chamado de “enfermidade da consciência” (MARUCCO, 1985, p. 2).

Creio que esses são pontos de suma importância que têm ocupado a numerosos autores, entre eles Joyce Mc Dougall (1982), em seu *Argumento por alguma anormalidade* ou àqueles que destacaram o perigo da adaptação exagerada, etc. (BOLLAS, 1994).

Creio que a estrutura da família e do casal seja, talvez, onde melhor possamos atuar analisando a desilusão provocada pelos ideais culturais e, ao mesmo tempo, recuperando aquilo que foi destruído (a vida amorosa, os desejos, os projetos, os sonhos, etc.). Sem dúvida, uma resistência que encontraremos é a que Otto Kernberg (1987) descreveu como a “tentação ao convencionalismo”, que não é outra coisa que o temor a ficar à margem da cultura e perder a suposta proteção que essa lhe ofereceria.

Volto aqui a me referir ao título desse trabalho, ao considerar a origem das perturbações narcisistas na estruturação familiar, à medida que essa se dilui na ordem cultural. Então seus membros correrão o risco de enfrentar a depressão

(que considero a patologia do nosso tempo), expressada basicamente por uma paulatina e crescente perda da autoestima, do sentimento sobre si mesmo, da capacidade de amar, junto com um desfalecimento do impulso vital. Por que isso ocorre? Porque quando se idealiza a cultura, isso leva a uma inibição da agressividade através da interiorização do sentimento de culpa (FREUD, 1930 [1929]/1990), que leva o indivíduo a expressões masoquistas em vez de poder denunciar o objeto idealizado ao qual se submete.

AS IDENTIFICAÇÕES NO CENÁRIO FAMILIAR

Um aspecto do caráter é considerado como o resíduo de identificações de antigas cargas de objeto perdidas. Sem dúvida, quando se examina a vida amorosa de uma pessoa se descobre em seu caráter a história daqueles vínculos amorosos perdidos que ocorreram na identificação. A identificação então traz consigo uma apropriação de traços do objeto diante de sua perda. Então se dá a habitual diferenciação entre “carga do objeto” e “identificação”.

Freud (1921/1990) nos alertou sobre fenômenos onde coexiste a relação do objeto com a identificação com o objeto. Isso não teria uma importância relevante no tocante ao casal e à família?

Pensemos em um casal. Aproximemo-nos dele e espiemos pelo buraco da fechadura. Não será frequente ver um processo pelo qual, por meio da identificação, os membros do casal vão assimilando os traços de caráter do outro sem que percebam? E caso sigamos observando, não veríamos com assombro como conclusão desse processo que um termine se transformando em uma espécie de cópia do outro? Ao chegar a este ponto, é provável que não tenhamos nenhuma possibilidade de acesso a uma modificação terapêutica.

Mas se em vez entendermos a identificação **coexistindo** com a carga do objeto, não teria essa a missão de evitar a idealização e a dependência que pressupõe a carga de objeto? Se houvesse apenas a carga de objeto, não seria inevitável a dependência de outro para se sentir amado, e o sentimento de morte quando esse ameaça com o abandono? E, por outro lado, se apenas existisse uma identificação com o objeto, o feito de evitar a dependência deste não seria ao preço de se transformar a própria pessoa em objeto?

Mediante a identificação, o indivíduo pode se separar do outro sem sentir que morre por ele, ao mesmo tempo em que manter o desejo pelo outro põe um limite à possibilidade de que por meio da identificação se aproprie do outro, ou seja, apropriado por ele. Em outras palavras, o desejo tem seu limite na identificação, do mesmo modo que a identificação encontra seu limite na persistência do desejo. Por acaso não é frequente nas análises de casais enfrentarmos tanto com uma identificação que costuma ser totalizada e acaba anulando o desejo, como com um desejo que, ao não incluir a identificação, se torna dependente do objeto? Então, a identificação seria aquilo que preserva o objeto de amor (já que em parte esse teria sido interiorizado) da dependência, assim como a carga de objeto é o que previne de que um se transforme em outro preservando o indivíduo sua sexualidade e sua liberdade.

SOBRE A CLÍNICA: AS ENTREVISTAS DE CASAIS

Um casal pode fazer consultas em momentos diferentes. Quando não se tolera o amor, no sentido de discriminação do outro, da presença da sexualidade, etc., os indivíduos buscam novas paixões (ciclo da compulsão a repetição, do narcisismo fanático [GREEN, 1986], da imortalidade sem vida que é Narciso). Mas como nada na estrutura psíquica humana é puro, a estrutura edípica de ambos os inclinará ao amor tentando renunciar a atração de Narciso. E é no conflito entre desfrutar do amor como possível e a renúncia a fascinação hipnótica (que é a tentação de Deus [LECLAIRE, 1976], mas também a dependência humilhante) onde pode se gerar a consulta a um analista. A análise lhes oferecerá a oportunidade de entender que seus atos estão determinados pelas vicissitudes de suas próprias histórias familiares, e a compreender que nos conflitos com o amor será reeditada a história das identificações resultantes do complexo de Édipo; assim como o apaixonar que desejam ansiosamente reencontrar implica em querer manter vivo o mito daquela infância idealizada perdida há tempos no passado de sua própria história familiar. Em última instância, o conflito entre o possível, que é a limitação do humano, e o impossível, que é a eliminação de Deus.

Por tudo isso, entendo a emergência da patologia narcisista em uma estrutura familiar vinculada aos ideais de plenitude do indivíduo com sua história familiar, com a de seus próprios pais e com os ideais culturais que também exigem perfeição e plenitude. O pior e grave dessa situação é que na tentativa por cumprir com todos esses ideais tende-se a passar como inadvertido, transformando-se em algo tediosamente cotidiano o aspecto mais vital da experiência do que significa o casal: o vínculo amoroso.

Outro motivo de consulta para um casal são os conflitos com a sexualidade. Para sintetizar direi que este problema gira em torno da distância entre o objeto de desejo com respeito ao objeto incestuoso primário. Dito metaforicamente, se está muito longe, em última análise, se o Édipo é aniquilado, faltará ou estará reduzido o componente erótico sexual no casal. Penso que isso ocorre, curiosamente, quando a adaptação à cultura de seus membros obteve seus maiores resultados. E se, pelo contrário, estivesse muito próximo o objeto de desejo do objeto incestuoso, o perigo de fechamento em uma espécie de exílio narcisista com o outro implicaria certamente em um perigo. É aqui onde devo dizer que entendo a sexualidade humana como essencialmente endogâmica, porque é o caráter incestuoso da pulsão o único que pode pulsionar no aparelho psíquico na constante busca do objeto. Então, o encontro dessa distância adequada permitiria que essa pulsão, que nasce endogâmica, se torne, através do universo de substituições do objeto, em exogâmico, portador de um prazer permitido, ao mesmo tempo em que preserva a cultura.

Respeito à experiência clínica de processos psicanalíticos individuais é um fato que, em alguns deles, nos deparamos com que a análise se detém. Uma vez analisadas as resistências de repressão, de benefício secundário, as resistências do ego, do super eu, etc., apesar de tudo, a análise não se mobiliza. Creio entender que em alguns casos estamos na presença de uma resistência particular, que é a identificação do paciente com o outro do casal, de maneira quase totalizadora.

Nesse caso, as entrevistas do casal tenderiam a se especializar nessa identificação com o outro e levar novamente à relação objetal essa identificação totalizadora com o outro provocada pelo temor a perda.

Em alguns casos, emerge outro tipo de resistência que quero chamar de “entropia libidinosa”, que se expressa na análise como uma forma de impasse. Vejo nessa resistência o que, em nível de casal, coincidiria com essa ligação que popularmente é chamada de “aceitar a convivência”, o que implica em uma diminuição da mobilidade da libido. As entrevistas de casal, nesse caso, envolveriam entender, por meio da interrogação analítica, o processo pelo qual é gerada essa particular combinatória relacional de libidos que adquirem esse caráter entrópico. Nesse caso, a presença de um terceiro produz por si mesmo uma mobilidade da libido delineando uma solução para o caráter entrópico.

Em última instância, a necessidade de terapia de família ou de casais surge quando emerge em um paciente a incerteza de não saber se aquilo que se deseja é impossível, ou algo impede sua realização. Assim, encontramos a um passo com acordos conscientes e com pactos inconscientes, que são os que o paciente em algum momento assinou, mesmo sem conhecê-lo, mas procura que alguém o ajude na difícil tarefa de abrir mão disso e assinar um novo acordo que respeite seus desejos.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A TÉCNICA NA PSICANÁLISE DA FAMÍLIA E DO CASAL

Acredito que, especificamente no âmbito das entrevistas com casais e famílias, o elemento mais valioso para explorar sua intrincada trama é a aplicação da psicanálise aos diálogos entre seus membros. Esta permitirá caracterizar as ligações que os unem e desunem, as determinações históricas singulares de cada um, e as de sua história em comum. Esse diálogo é movido e influenciado pela não neutralidade do outro, e permite ver em ação esse “eu” que são declarados ou declarantes, e entender o relacionamento e as perturbações de seu relacionamento que Freud descreveu tão brilhantemente em “Psicologia das massas e análise do eu” ao tentar “Paixão e hipnose” ou “Uma fase para o interior do eu”.

Além disso, esse diálogo pode exibir, praticamente como em uma imagem fotográfica, outras dimensões identificatórias que permitem entender quando um indivíduo do casal “é falado” por alguém que não é ele; identificação se faz entender quando um parceiro por alguém que não seja ele; e isso promove uma resposta diferente do outro que denuncia isso. Para isso, o analista deverá estar comprometido, não pode ser um mero observador. Terá a tarefa crítica de ajudar com perguntas para criar um histórico dessas relações e dessas identificações, para que tenham um verdadeiro sentido. Criar um histórico dessas situações traumáticas, nas quais se estabelecem as identificações patogênicas (AULAGNIER, 1986).

Isto me faz pensar sobre a possibilidade de utilizar como modelo da estrutura familiar o modelo teatral. A família é estruturada como uma espécie de “posta em cena”, onde vários personagens se desdobram através de suas palavras e suas ações, suas configurações relacionais, que correspondem às relações do ego com objetos externos e objetos virtuais. Além disso, esse modelo teatral

permite compreender o tratamento da família como uma representação de uma história contada em um roteiro escrito previamente, em que cada um dos atores se apropria para encarnar seu personagem. Mas, por sua vez, cada um tem um estilo, um gesto, uma forma de caracterização (personagem) própria e lhe dá um “jeito de dizer particular” ao texto; e isto é o que os diferencia e dá sentido à interação (Quem são os espectadores desta cena? Não é o teatro a expressão de uma cultura com cânones específicos e regras de funcionamento? Não é, neste caso, o espectador um observador participante através de sua particular codificação do que ele vê, ouve, sente e vive, através dos personagens desta história?).

É por isso que eu não chamo de “tratamento” a minha experiência terapêutica com casais, mas de “entrevistas”, porque “entrevista” se refere a um “visualizar entre”, a ver o relacionamento. Essas entrevistas não têm um tempo limitado e têm muitas das características do que seria uma sessão psicanalítica habitual. O ato analítico, nesse caso, seria dado ao indicar as alterações desta relação exibida nas entrevistas, de modo que o tratamento possa ser realizado em seguida, individualmente.

Quanto à técnica, eu trabalho com entrevistas semanais, sem estabelecer previamente um número de entrevistas. Na medida em que o enquadramento que eu uso não tende a facilitar a regressão, e o encontro em entrevistas configura um limite espaço-temporal, a instalação de neurose de transferência de intensidade excessiva é evitada.

Eu acho que, nesse contexto, as interpretações têm um limite que diferencia a psicanálise individual da psicanálise do casal ou familiar. Acho que este último permite, apenas até certo ponto, a inclusão de aspectos que pertencem à história única de cada um dos membros e entendo que eles apenas podem encontrar o seu significado no tratamento psicanalítico individual.

Costumo usar muito as perguntas, mas também acredito que no aconselhamento de casais é especialmente importante compreender outros sistemas simbólicos que usem não apenas a palavra, mas também o olhar, gestos, etc.

Por fim, volto ao começo. Até aqui chegam estas “reflexões que são decorrentes de minha prática diária como psicanalista...”, e das muitas questões que me ocupam e preocupam, teórica e clinicamente. Estou ciente de que o desenvolvimento dessas questões apenas pode ter sido limitado em relação à complexidade e riqueza do tópico. De qualquer forma, talvez o mais valioso seja o interesse, ainda de pé, de continuar pensando a psicanálise a partir do aprofundamento e da multiplicidade de formas que permite a inclusão do campo de aplicação na estruturação da família e do casal.

Tradução: Anabella Valeria Weismann

NOTAS

¹ Trabalho revisado e atualizado para esta publicação.

² A paixão retrata o encontro de dois olhares, cada um dos quais vê nos olhos do outro o reflexo daquela imagem que ele mesmo foi em algum momento de sua vida, e que a “exortação para a realidade” o fez descobrir que era falso. Esses dois “outros” seriam a recreação de uma espécie de “dois em um” unidos na missão de satisfazer o desejo de se converter finalmente em esse ser ideal que satisfaça o narcisismo parental. Daí vem o “conforto” popular entre os pais que quando um filho se casa “não perdem um filho, mas ganham uma filha”, e vice-versa.

³ Minhas conceituações sobre o fetiche têm sido amplamente desenvolvidas nos seminários ministrados por mim no Instituto da Associação Psicanalítica Argentina em 1988, 1991 e 2003, e são o foco do meu trabalho “Édipo: castração e fetiche. Uma revisão da teoria psicanalítica da sexualidade” que apresentei no Painel Plenário da abertura do 40º Congresso Psicanalítico Internacional sobre “Psicanálise e sexualidade”, realizado no mês de julho de 1997.

⁴ A este tópico tenho dedicado uma seção inteira do meu trabalho “A identidade de Édipo” (1978), e tem sido também desenvolvido em vários dos textos que eu escrevi.

⁵ É a sexualidade que destrói o fascínio e a idealização, e por esta razão é o motor da passagem da paixão para amor. E é a partir do amor que é construída a possibilidade de filhos desejados como filhos que possam ser donos de si mesmos. A satisfação da pulsão sexual permite tolerar a ideia de finitude de ser uma pessoa que tende a tirar do narcisismo do outro através do qual tenta recompor o próprio que vai perdendo.

⁶ Uma família que supervisionei tinha crianças em duas sequências: duas crianças que nasceram com um intervalo de dois anos, e um terceiro que nasceu depois de oito anos. Nesta família, eu formulei a hipótese de que as primeiras crianças foram mais desejadas como filhos, mesmo quando carregaram com o “dever ser”. É como se a presença mais próxima do segundo filho permitisse ser mais tolerante com o primeiro quando ele não consegue cumprir o seu dever. Depois de alguns anos, e devido a uma grave crise do casal, nasceu o terceiro filho. Crise na idade média de vida. Reflexo no espelho e de repente uma nova e súbita ruga. Os pais teriam já advertido que os seus filhos não cumpririam os seus desejos não realizados? Dada essa situação diminui a autoestima, o sentimento de culpa torna-se intenso. A perturbação narcisista nos pais provocaria “uma última tentativa” de começar de novo. [...] Volta-se a recriar a fantasia e a ilusão de que aqueles sonhos se cumpriram com o nascimento do novo filho, a quem será exigido cada vez mais o cumprimento inexorável dos desejos pendentes. E esta criança, isolada da fraternidade dos primeiros, sentindo-se sozinho (como apenas as crianças se sentem) terá a tarefa de ser um herói e mártir, tomando sobre si a difícil missão de salvar aos pais da morte, sentindo que cada conquista em sua vida torna-o responsável pela deterioração deles. Soma-se a isto a exigência dos irmãos mais velhos que esperarão que ele cumpra com seus pais o que eles não conseguiram cumprir.

REFERÊNCIAS

BOLLAS, Christopher. **Ser um personagem**. Psicanálise e a experiência de si mesmo. Buenos Aires: Paidós, 1994.

FAINBERG, Haydeé. A telescopagem das gerações: a genealogia de certas identificações. **Revista de Psicanálise**, p. 5, 1985.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 14. (Obra originalmente publicada em 1914).

_____. O sinistro. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 17. (Obra originalmente publicada em 1919).

_____. Psicologia das massas e análise do eu. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 18. (Obra originalmente publicada em 1921).

_____. Fetichismo. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 21. (Obra originalmente publicada em 1927).

_____. O mal-estar na cultura. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 21. (Obra originalmente publicada em 1930[1929]).

_____. A cisão do ego no processo defensivo. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 23. (Obra originalmente publicada em 1940[1938]).

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.

_____. **A nova clínica psicanalítica e a teoria de Freud**. Aspectos fundamentais da loucura privada. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

KERNBERG, Otto. As tentações do convencionalismo. **Revista de Psicanálise**, p. 5, 1987.

LECLAIRE, Serge. **Matam uma criança**. Ensaio sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

MARUCCO, Norberto. Narcisismo, cisão do ego e Édipo. Uma introdução à forma de epílogo. **Rev. de Psicanálise**, p. 2, 1978a.

_____. A identidade de Édipo. Sobre a cisão do ego, da compulsão a repetição e da pulsão de morte. **Rev. de Psicanálise**, p. 5, 1978b.

_____. Introdução do {sinistro} no ego. **Rev. de Psicanálise**, p. 2, 1980.

_____. Transferência idealizada e transferência erótica. (Sua dialética no processo da cura analítica). **Rev. de Psicanálise**, p. 1, 1982.

_____. Sobre Narciso e Édipo na teoria e prática psicanalítica. Leitura desde a inclusão da cultura. **Rev. de Psicanálise**, p. 1, 1985.

_____. Sobre a cura na psicanálise. (Reflexões sobre um legado psicanalítico.) **Rev. de Psicanálise**, p. 2, 1993.

_____. Nas bordas da psicanálise: borderline, psicossomática, narcisismo. Novas patologias. **Zona erógena**, n. 21, 1994.

_____. Édipo, castração e fetiches. **Rev. de Psicanálise**, 1996.

_____. **Cura analítica e transferência**. Buenos Aires: Amorrortu, 1999.

_____. Atualização do conceito de trauma. **Rev. de Psicanálise**, 2004.

MC. DOUGALL, Joyce. **Alegação por alguma anormalidade**. Barcelona: Petrel, 1982.

MISSENARD, Rosolatto; GUILLAUMIN, Kristeva; GUTIERREZ, Baranes et al. **O negativo**. Figuras e modalidades. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

NASSIO, Juan D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Barcelona: Gedisa, 1993.

PONTALIS, J. B. **Entre o sonho e a dor**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1978.

SZPILKA, Jaime. **Sobre a cura psicanalítica**. Uma palavra de amor. Madrid: Tecnipublicaciones, 1989.